

XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã

**Tema central:
Comunicação Cidadã: gênero, raça, diversidade e redes
colaborativas no contexto da pandemia**

22 a 24 de junho de 2021, online

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – **UNESP**
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – **FAAC**
Departamento de Comunicação Social – **DCSO**

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Jornalismo e Ação Comunitária (JAC) e o desafio da produção jornalística colaborativa na pandemia¹

Diogo de Souza MEDEIROS²;
Gabriela SCHANDER³
Juliana Freire BEZERRA⁴;
Klaymara Karen da SILVA⁵

¹Trabalho apresentado no **GT 1 (Meios e processos de comunicação para a cidadania)** da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação social.

²Graduando em Jornalismo na UFSC. E-mail: diogome_deiros@hotmail.com.

³Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo UFSC. E-mail: gabischander@gmail.com.

⁴Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC (bolsista Capes). Pesquisadora dos grupos de pesquisa Jornalismo e Conhecimento e Observatório da Ética Jornalística. E-mail: freire.juliana.bez@gmail.com.

⁵Graduanda em Jornalismo na UFSC, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFSC. E-mail: klaymarakaren@gmail.com.

Melina de la Barrera Ayres⁶
Rafaela Coelho de AZEVEDO⁷
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo: Este relato trata sobre uma experiência de jornalismo comunitário vivenciada no Projeto de extensão Jornalismo e Ação Comunitária (JAC), do departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Criado em abril de 2020, durante a pandemia de Covid-19, o projeto tem como objetivos: a) aproximar os/as estudantes de jornalismo das realidades periféricas de Florianópolis/SC, a fim de fomentar uma formação com perspectiva cidadã; e b) fortalecer os princípios da comunicação comunitária nas comunidades. Os produtos comunicativos desenvolvidos pelo JAC são panfletos informativos digitais e impressos, denominados “Pipa Informativa”, produzidos, de forma remota, em parceria com lideranças comunitárias e distribuídos por elas nas 17 comunidades que compõem o Maciço do Morro da Cruz.

Palavras-chave: Jornalismo Comunitário; Extensão Universitária; Pandemia de Covid-19.

Introdução

A comunicação popular e comunitária tem como interlocutor principal o “povo”. De acordo com Cicilia Peruzzo (2006, p. 9) esse “povo” é um conceito em transformação, que se coloca como oposição aos/às que “se apresentam como anti-povo, os opressores ou aqueles que contradizem as necessidades e interesses da maioria”. Nesse sentido, a busca é pela efetivação do direito à comunicação para todos/as os/as cidadãos/ãs.

Partindo desse princípio, o Projeto de Extensão Jornalismo Ação Comunitária (JAC), do departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)⁸, foi criado em abril de 2020 por professores/as e estudantes da graduação e pós-graduação. Seu propósito é aproximar os/as estudantes de Jornalismo das realidades periféricas de Florianópolis/SC para fomentar uma formação com perspectiva cidadã, ao passo que visa contribuir para o fortalecimento da comunicação nas comunidades. Para tanto, o projeto se desenvolve com a

⁶Professora efetiva do Departamento de Jornalismo da UFSC. Pós-doutora em Jornalismo (UFSC), Doutora Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC), Mestra em Jornalismo (UFSC), Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo (Universidad Católica del Uruguay). E-mail: melina.ayres@gmail.com.

⁷Graduanda em Jornalismo na UFSC. E-mail: rcoelhodeazevedo@gmail.com.

⁸No âmbito universitário, o JAC, que é coordenado pela professora de Jornalismo da UFSC Melina de la Barrera Ayres, articula ensino, pesquisa e extensão. Isso porque o projeto está ligado à disciplina Jornalismo Comunitário, ministrada na graduação pela mesma professora. Também, vincula-se ao grupo de pesquisa Jornalismo e Conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, por meio da pesquisa da doutoranda Juliana Freire Bezerra, orientada pelo professor Eduardo Meditsch e co-orientada pela professora Melina Ayres. O projeto conta, até a data de produção deste relato, com a participação de dois estudantes de graduação voluntários/as, Klaymara Silva e Diogo Medeiros; dois bolsistas, Rafaela Coelho e Rodrigo Barbosa, e uma estudante da pós-graduação, Gabriela Schander. Já passaram pela equipe também as estudantes de Jornalismo da UFSC Daniela Muller e Gabriela Oliveira.

participação de lideranças comunitárias do complexo de 17 comunidades do Maciço do Morro da Cruz, situado na região central de Florianópolis/SC. O principal público-alvo é a comunidade do Monte Serrat.

Fator impulsionador da criação desse projeto de extensão junto às comunidades, no início da pandemia da Covid-19 no Brasil, foi a carta pública intitulada *Um presente para o futuro*, escrita em março do mesmo ano por uma das mais importantes lideranças comunitárias de Santa Catarina, o padre Vilson Groh. Nela, ressalta-se a urgência de criação de alternativas para a produção e difusão de informação de qualidade sobre a pandemia nessas comunidades. “Com objetividade, clareza, linguagem e o uso da tecnologia. Com proposições que considerem as particularidades e limitações desses locais, para uma efetiva proteção das pessoas” (GROH, 2020, s.p.). Dessa forma, todos os materiais elaborados pelos/as integrantes do projeto estão balizados pelo desejo de comunicar e informar **com e a partir das comunidades** sobre temáticas relacionadas à saúde pública e direitos no contexto da pandemia, compreendendo a informação e a comunicação como direitos humanos fundamentais para o acesso a outros direitos sociais.

Em meio a este cenário, todas as atividades foram desenvolvidas de maneira remota, em respeito às medidas de biossegurança estabelecidas pela UFSC, bem como buscando proteger a saúde das pessoas envolvidas no projeto. Assim, o primeiro desafio se impôs: Como trabalhar não só para as comunidades, mas com elas, elaborando materiais informativos de pertinência pública local, sem conhecê-las previamente e sem poder estar presencialmente nessas localidades? Essa questão se coloca já que nenhum/a integrante da equipe mora nessas comunidades. Ao mesmo tempo, havia o interesse em desenvolver o material de forma realmente coletiva. Não queríamos ser “o pessoal da universidade que cria os materiais”. Precisávamos estabelecer contato e desenvolver um vínculo com as comunidades, sem expor ninguém aos riscos de contágio pela Covid-19.

O caminho encontrado foi a articulação remota com o Instituto Padre Vilson Groh (IVG) e com o Conselho Comunitário do Monte Serrat. Esse vínculo foi nossa primeira resposta sobre como nos aproximaríamos das demandas locais para preencher as lacunas de informação do complexo. Dessa relação, estabelecemos reuniões periódicas virtuais entre a equipe do JAC e as lideranças comunitárias e agentes locais, como profissionais das áreas de Assistência Social, Educação, Psicologia, Saúde e outros. Do estabelecimento dessas parcerias criamos a *Pipa Informativa*, uma série jornalística de panfletos impressos feita com a participação das

lideranças do Maciço do Morro da Cruz e que, posteriormente, são transformadas em peças gráficas difundidas em redes sociais, como *Instagram*, *Facebook* e *Whatsapp*. As impressões dos materiais têm sido realizadas desde abril de 2020 com o apoio da Associação de Professores da UFSC (APUFSC) em tiragens de 2 mil exemplares mensais em tamanho A5, colorido⁹. A distribuição é realizada por profissionais ligados/as à rede IVG e lideranças comunitárias, os quais entregam os panfletos junto às cestas básicas doadas, e também compartilham os arquivos digitais por meio de suas redes de contato.

Desde o início do projeto defendemos e buscamos viabilizar a impressão dos materiais, pois entendemos que muitas das pessoas que vivem na comunidade não têm acesso a celulares, computadores e/ou à internet. Dessa forma, a impressão garante o acesso à informação de qualidade e relevância local a um público ampliado.

Método, meios e processos

Inspirado na metodologia dialógica e praxiológica de construção do conhecimento em Paulo Freire (2019), o JAC busca integrar as realidades periféricas do Maciço do Morro da Cruz como ponto de partida e de retorno das reflexões necessárias para a elaboração dos materiais. O intuito é gerar saberes e informações encharcados da realidade periférica e, portanto, de pertinência pública local.

O projeto coloca este intuito em prática por meio do diálogo intergrupal e com as lideranças comunitárias, que não só indicam as pautas a serem tratadas nos panfletos, mas guiam o nosso processo de apuração e cobertura, uma vez que nenhum/a de nós mora nas comunidades reportadas. Além disso, as tecnologias digitais, como *Google Earth* e redes sociais, têm ajudado a equipe a se aproximar virtualmente das comunidades para criar materiais esteticamente verossímeis às realidades a que se reportam, sem recair nos estereótipos de carestia e violência com que historicamente as comunidades são retratadas em diversas instituições sociais.

Uma de nossas primeiras preocupações tem sido estabelecer uma linguagem simples, direta, informativa, amigável e acessível, que não subjogue o conhecimento empírico e linguístico de nossos/as leitores/as. Para tanto, conforme orienta o método de educação popular freiriano, temos buscado aproximar os conteúdos informativos do universo vocabular e cultural

⁹Com exceção do mês de abril de 2020 em que foram impressos 5 mil exemplares referente à primeira edição do panfleto chamado à época de *Xô, Corona*.

do público, não só para que os materiais se tornem mais atraentes à leitura, mas para que estejam entrecidos da realidade cultural a que se referem (práxis). Priorizamos, ainda, uma tipografia de fácil leiturabilidade (facilidade com que nossos olhos são capazes de se moverem ao longo das linhas de um texto escrito para reconhecermos sua mensagem), acessível a crianças recém alfabetizadas e pessoas idosas e/ou com baixa visão. Igualmente, nos inspiramos no gênero Jornalismo em Quadrinhos, expresso na materialidade dos panfletos informativos, para carregar os conteúdos de um tom oral, forma de expressão tradicional nas comunidades em questão.

Inspirados/as por esse gênero, e buscando reduzir a distância física entre a equipe e a comunidade, criamos uma personagem que representa o projeto. Nossa interlocutora junto às comunidades chama-se Marlene (Figura 1). Ela é uma mulher negra, taurina, de 54 anos, mãe de três filhos/as e avó, moradora da Servidão Ayrton Senna, próximo à mercearia Brito, no Monte Serrat. Sua maior frustração é não ter concluído o curso técnico de enfermagem do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). Por ser autodidata, é bem informada nos assuntos de saúde e acesso a direitos, além de ser empática, sábia e segura, características expressas na atuação que desempenha na série jornalística *Pipa Informativa*.

Figura 1 - Marlene, a personagem principal da Pipa Informativa do JAC



Fonte: JAC (2020).

A criação da Marlene, bem como dos/as outros/as personagens, como o adolescente Alexandre (Xande), sua avó Ana e a vizinha Adriana, correspondem a um longo e contínuo processo coletivo de construção, que busca representar as comunidades de maneira diversa, plural e complexa, considerando os marcadores sociais da diferença (BRAH, 2006) a fim de incluir pessoas de diferentes gêneros, raças, características físicas, gostos e formas de ser e viver.

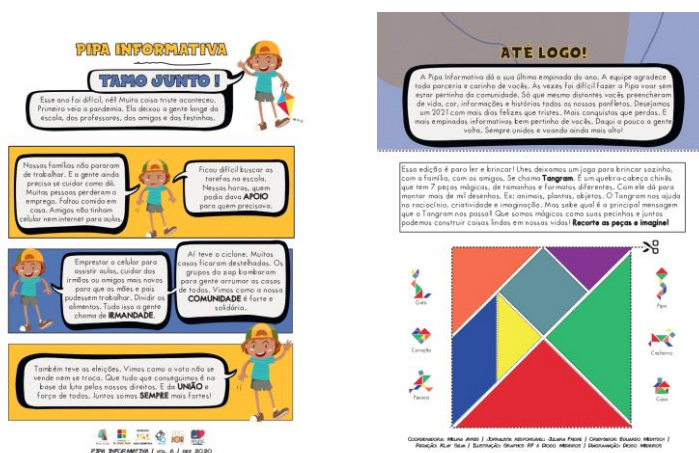
Ainda no início do projeto, os primeiros esboços da Marlene, bem como seus primeiros traços físicos, de personalidade e endereço residencial, foram construídos em reuniões por

vídeo chamada e com base em pesquisa remota sobre a realidade do Maciço do Morro da Cruz. A materialidade da ilustração foi construída por diferentes ilustradores/as durante o processo. Cada detalhe da sua composição foi sujeita à reflexão constante, discutida e aprovada pelo grupo, sempre em coletividade, coerente ao método de produção dialógico e colaborativo escolhido. O mesmo ocorre no processo de produção textual.

A Pipa Informativa

Até o momento foram produzidas nove edições da *Pipa Informativa*. No ano de 2020, foram publicadas seis edições, digitais e impressas. Em 2021, até o momento de produção deste relato, foram produzidas duas edições, digitais e impressas. Por meio delas, foram abordadas as seguintes temáticas: Direitos sociais (*O que é o CRAS?*); prevenção do Coronavírus (*Não é hora de aglomerar*); violência contra as mulheres (*Violência tô fora!*); direitos civis (*Do meu voto e da minha cidade cuida eu!*); negritude (*Como é ser negro em Floripa?*); importância da comunidade com uma retrospectiva do ano (*Tamo junto!*); relevância dos postos de saúde (*Juntos pelo Posto de Saúde do Monte Serrat*); cuidados com o Coronavírus (*Acho que estou com Covid, e agora?* e *Meu vizinho pegou Covid. Como posso ajudar?*). Muitas edições foram acompanhadas por ações nas redes sociais e/ou estimulavam a interação e o trabalho/ação da comunidade. A última edição de 2020, *Tamo junto!*, era recortável, já que disponibilizava o jogo Tangram, em referência à logo do projeto. O intuito desta ação foi gerar outra forma de interação entre o público e o panfleto. Abaixo (Figura 2) está a edição seis da *Pipa Informativa*.

Figura 2 - Pipa Informativa edição nº6 - Tamo junto!



Fonte: JAC (2020).

Todas as produções tiveram pautas consideradas relevantes pelas lideranças comunitárias para o contexto das 17 comunidades do Maciço do Morro da Cruz, à data de suas publicações. Por exemplo, o panfleto produzido em março de 2021, *Juntos pelo posto de saúde do Monte Serrat*, abordou a interdição da Unidade de Saúde devido a problemas estruturais, reforçando a importância dessas unidades e a necessidade de mobilização. Também orientou a respeito das opções de atendimento disponíveis naquele momento. Entendemos que iniciativas como o JAC podem contribuir para a educação e mudança social. Nessa perspectiva, nos apoiamos na compreensão de que isso ocorre “não apenas pelos conteúdos que transmitem, mas pelo processo de produção e difusão de mensagens que propiciam” (PERUZZO, 2006, p. 10).

Considerações finais

A pandemia de Covid-19 trouxe inúmeros desafios aos países de todo o mundo. Na América Latina e no Brasil, em especial, consequências graves foram sentidas. Algumas delas são as mais de 800 mil mortes de latino-americanos/as em decorrência do vírus registradas até abril de 2021 e o agravamento da pobreza. Nesse contexto, a informação de qualidade, verificada e produzida pensando nas comunidades e suas realidades, se tornou ainda mais relevante. O JAC foi criado com esse intuito mas, fundamentalmente, por acreditar que é cada vez mais necessário produzir um jornalismo engajado.

Partindo dessa compreensão, entende-se que a universidade em geral, e os cursos de Jornalismo em particular, devem incluir estes debates e ações no processo formativo de seus/suas graduandos/as. Neste caminho, acreditamos que não só é necessário ensinar a produzir jornalismo comunitário, mas também instrumentalizar comunidades periféricas para que se tornem agentes de sua própria comunicação. Compartilhamos com Peruzzo (2006), o entendimento de que é preciso produzir novas sociabilidades e formas de (re)posicionar as pessoas, o “povo”, como sujeitos/as centrais da sociedade.

Neste mês de maio, o JAC completa seu primeiro ano de ações e, em meio a diversos desafios, soma grandes vitórias. Em fevereiro de 2021, quando o grupo era formado apenas pela equipe fundadora, foram realizados alguns exercícios para a construção coletiva da persona, chegando à conclusão que umas das principais características do projeto é a disposição para dialogar, comprometer-se com as lutas por cidadania e o desejo de contribuir para a mudança social a partir da comunicação, entendida como Direito Humano. Temos o

compromisso interno de que, após a pandemia, oficinas de jornalismo e comunicação sejam realizadas junto às pessoas das comunidades, a fim de instrumentalizá-las para que elas mesmas produzam os seus materiais informativos.

Referências

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71ª Edição: Paz e Terra, Rio de Janeiro/São Paulo, 2019.

GROH, Pe. Wilson. Um presente para o futuro. **Instituto Pe. Wilson Groh**, Florianópolis, 07 de abr. de 2020. Disponível em: <<http://bit.ly/um-presente-para-o-futuro>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

PERUZZO, Cicilia. Revisitando os conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. *In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 29, Brasília. **Anais...** Intercom: Brasília, 2006.